

PITANGA

Por José Rosa Coelho



Essa bela frutinha, vermelha, cheirosa, saborosa, que muitos não prestam atenção e que para mim tem uma fundamental história.

Eu e meu amigo Homero (1280) trabalhávamos no SANEGRAN, na Av. Brigadeiro Faria Lima, esquina com a Gabriel Monteiro da Silva; nos idos de 1990. Como normalmente fazíamos, saíamos para almoçar e no retorno, íamos passeando pelos jardins floridos da região. Certo dia, num desses passeios, deparei-me com um pé de Pitanga carregado e com passarinhos alvoroçados brigando por uma frutinha. Achei a cena hilariante; parei por alguns minutos, curti aquele momento e resolvi saborear aquela dádiva da natureza. Minha surpresa foi tanta, que após

chupar uma, duas, três ou mais, peguei as sementinhas e levei para o Escritório onde as deixei num copinho plástico com algodão e, todos os dias, colocava algumas gotas de água para mantê-las vivas. Qual a minha alegria? Dias após dias vi brotar aquela maravilhosa mudinha.

Fiquei tão contente que falei comigo mesmo: um dia vou plantar essa mudinha no quintal da minha casa. Acontece que no ano seguinte, mais exatamente no mês de janeiro, afastei-me da SABESP por aposentadoria e mudei para o interior de São Paulo, deixando a vida agitada da cidade grande. A cidade escolhida foi Adamantina; muitos vão perguntar: e a mudinha de Pitanga? Onde entra nessa história? Levei o copinho, com todo cuidado e plantei na Av. Capitão José Antônio de Oliveira, bem de frente a Loja Maçônica (ver as fotos registradas em novembro de 2013), do Escritório da SABESP e também de frente a casa em que eu morava. Todos os dias, indistintamente, regava aquela plantinha que vi crescer, e na minha ausência pedia aos comerciantes vizinhos que zelassem pela minha Pitanga, regando e evitando algum depredador. Logo-logo essa Pitanga ficou conhecida como a Pitanga do Coelho.

Hoje, 2014, está lá para quem quiser comprovar, comer, cheirar e ver a passadeira brigando por uma frutinha. Mudei-me de Adamantina para Monte Mor no ano de 1996 e, todas as vezes que vou àquela cidade, minha primeira visita é matar saudade da Pitanga que muita lembrança me traz.

Agradeço ao senhor Augusto Siquieri, um dos comerciantes que ajudou a conservar e ver crescer essa dádiva de Deus.